

# AS CIDADES E A COVID-19:

## NECESSIDADES, EXPECTATIVAS E TENDÊNCIAS TRAZIDAS PELA PANDEMIA

Organizadoras:

**Clarissa Stefani Teixeira**

**Ágatha Depiné**

**VIA**

  
**traços urbanos**



# AS CIDADES E A COVID-19: NECESSIDADES, EXPECTATIVAS E TENDÊNCIAS TRAZIDAS PELA PANDEMIA

**Organizadoras:**

Clarissa Stefani Teixeira

Ágatha Depiné



VIA ESTAÇÃO CONHECIMENTO

São Paulo

2021



# AS CIDADES E A COVID-19: NECESSIDADES, EXPECTATIVAS E TENDÊNCIAS TRAZIDAS PELA PANDEMIA

© 2021 dos autores

Foto da capa: Gabriel Rodrigues / Unsplash

Diagramação: Mariana Barardi

Milena Maredmi Corrêa Teixeira CRB/SC 14/1477

T266c

As cidades e a covid-19: necessidades, expectativas e tendências trazidas  
pela pandemia / Clarissa Stefani Teixeira; Ágatha Depiné (Orgs.) –

São Paulo: Perse.

225p.: il. 2021

1 e-book

Disponível em: < <http://via.ufsc.br/> >

ISBN 978-65-5879-069-3

1. COVID-19. 2. Pandemia. 3. Cidades. I. Teixeira. Clarissa Stefani II.  
Depiné. Ágatha III. Via Estação Conhecimento. IV. Traços Urbanos

CDU: 330.341: 616-036.21 (81)



Permitido que se façam download e os compartilhem desde que atribuam crédito ao autor, mas sem que possam alterá-los de nenhuma forma ou utilizá-los para fins comerciais.

# VIVÊNCIAS LGBTQIA+ NO CONTEXTO DE DUAS PANDEMIAS: HIV/AIDS E COVID-19

---

Cristina Besen Müller

Em 2020, enfrentamos uma pandemia: o COVID-19. De contágio rápido, se alastra pelo mundo e afeta quem contrai o vírus com males respiratórios. Para evitar a contaminação, determina-se o isolamento social. Famílias inteiras são impedidas de sair de casa, tendo que conviver com as diferenças de seus pares. Nesse contexto, muitos de nós, LGBTQIA+, vemos nossas identidades apagadas. A vida social, principal refúgio na busca por aceitação, nos é retirada. Somos forçados a voltar para o armário – mesmo que parcialmente – quando submetidos ao ambiente heteronormativo representado pelo núcleo familiar patriarcal. Assim, o COVID-19 nos impacta fortemente, principalmente no âmbito psicológico. Mas qual será o resultado disso na vivência urbana LGBTQIA+ pós-pandemia?

Não é a primeira vez em que nós, LGBTQIA+, fomos atingidos por uma pandemia que nos abalou. A partir da década de 1980, proliferou-se uma enfermidade, o HIV/AIDS, que foi pejorativamente chamada de “peste gay”. Este estigma, fruto de uma sociedade profundamente preconceituosa, motivou um recrudescimento da LGBTQIA+fobia e um retorno brusco para o armário, além da limitação de nossa vida urbana.

Nesse ensaio, exploro as diferenças sentidas por nós, LGBTQIA+, comparando dois momentos históricos: a pandemia de HIV/AIDS, a partir do início dos anos 1980; e a pandemia do COVID-19, a partir de 2020. Assim, estruturo-o de tal modo: começo por um estudo geral de como o HIV/AIDS atingiu a comunidade LGBTQIA+; prossigo para explorar o impacto do isolamento social da COVID-19 em pessoas LGBTQIA+; para concluir, reflito sobre a diversidade no panorama urbano e social pós-pandemia de COVID-19.

## Parte I – O antes

Nas décadas de 1960 e 1970, o ocidente passou por um período de intensos conflitos sociais na exigência por direitos das minorias. A conjuntura política era de busca por

igualdade racial, de gênero, de sexualidade, além dos movimentos hippie que pregavam uma vida livre. O movimento feminista, ao pautar o fim a repressão sexual de mulheres, também lutava pelo fim da opressão de LGBTQIA+ (HOOKS, 2015).

É no contexto da liberação sexual que surgimos como movimento organizado. Nos EUA, ocorrem manifestações pró-LGBTQIA+ como a Revolta de Stonewall<sup>4</sup> e as *White Night Riots*<sup>5</sup>. No Brasil, os movimentos LGBTQIA+ emergem no final dos anos 1970, com o fim do AI-5 e o início da redemocratização. Um exemplo bastante significativo é o Somos, fundado em 1979, considerado o primeiro grupo de afirmação LGBTQIA+ no Brasil. Já o levante ao Ferro's<sup>6</sup>, em 1983 em São Paulo, é um marco na luta LGBTQIA+ pelo direito à cidade.

Este é o cenário em que se inicia a década de 1980. Em 1981, registrou-se nos EUA uma ocorrência anormal de doenças comuns em pacientes com imunossupressão, como pneumonias e sarcomas de Kaposi (CARTA... 2019). Em 1982, descobriu-se ser uma infecção sexualmente transmissível, e cunhou-se o nome: síndrome da imunodeficiência adquirida, a AIDS. O HIV/AIDS atingiu fortemente a comunidade LGBTQIA+. À época, o mal afetava principalmente homens cis gays e bissexuais e mulheres trans e travestis. Deste modo, a reação social foi de extremo preconceito: à doença deu-se os apelidos cruéis de peste gay ou câncer gay. Ao HIV/AIDS foi atribuído um fator moralizante, que o considerava uma punição à devassidão, ao sexo, à existência LGBTQIA+ (TREVISAN, 2018). Fomos obrigados a voltar para o armário, em um ato de autopreservação. E assim houve agravamento da violência LGBTQIA+fóbica, como uma caça às bruxas (ou às bichas).

Assim a sociedade ocidental mudou em diversos âmbitos, tornando-se mais conservadora. Na moda masculina evitava-se qualquer peça que parecesse afeminada: as roupas que nos anos 1960 e 1970 eram coloridas, curtas e justas, tornaram-se peças largas, de cores neutras. Quanto à forma física, a magreza lida como *fashion* nas décadas

---

4 A Revolta de Stonewall foi um levante LGBTQIA+ ocorrido em Nova Iorque, em 29/06/1969, em resposta a uma ação policial violenta no Stonewall Inn. O protesto é considerado o marco inicial do ativismo LGBTQIA+ contemporâneo.

5 As White Night Riots foram uma série de revoltas sucedidas em São Francisco, em 21/05/1979. Ocorreram em resposta à decisão judicial de abrandar a pena de Dan White, que assassinou Harvey Milk, primeiro LGBTQIA+ assumido a ser eleito nos EUA

6 O Levante ao Ferro's Bar foi uma manifestação sucedida em São Paulo, em 19/08/1983. Ocorreu em resposta às atitudes de violência lesbofóbica da equipe do Ferro's Bar contra as ativistas do Grupo de Ação Lésbico-Feminista.

prévias, passou a ser desprezada, ligada à AIDS. O novo padrão era o corpo musculoso, másculo, que conotava saúde e heterossexualidade. Assim, representações midiáticas também se adaptaram para reforçar os novos padrões físicos e estilísticos (BOWSTEAD, 2018).

No contexto das cidades, a pandemia de HIV/AIDS causou grandes impactos na sociabilidade urbana. Trevisan (2018) registra diversos casos de violências urbanas LGBTQIAfóbicas, como um caso de uma travesti negra que andava na rua quando ouviu gritos de “Cai fora, Satanás! Sai pra lá, peste gay”; ou do rapaz afeminado que saiu do transporte coletivo, e provocou um diálogo entre dois homens: “não senta aí que você pega AIDS”. Farmácias, consultórios e hospitais se recusavam a atender LGBTQIA+, e nossa vida urbana sofreu uma grande queda. Negócios comandados ou voltados para LGBTQIA+ – salões de beleza, bares, boates, saunas, cinemas – foram levados a fechar suas portas. Todo um tecido socioespacial cartografado pela comunidade LGBTQIA+ nas décadas de “liberação” anteriores – liberação não apenas sexual, mas também política – foi sendo fragmentado e rasgado por uma nova onda de preconceito catalisada pelo estigma do HIV.

Com o tempo, a atuação de ONGs e a militância fez com que o Brasil se tornasse um dos expoentes na luta contra o HIV/AIDS (GALVÃO et al, 2012). Estas instituições surgiram a partir de 1985, tanto na forma de grupos de prevenção e educação, quando em grupos de acolhimento a portadores do HIV/AIDS. Tiveram papel fundamental na busca por direitos civis, como a garantia da saúde pública a todos os cidadãos brasileiros.

O temor representado pelo primeiro momento da pandemia HIV/AIDS atenuou e percebeu-se que a doença atingia, também, a população heterossexual e cisgênera. Assim, o estigma sobre a doença foi parcialmente desconstruído. Ainda há uma longa batalha antidiscriminatória a soropositivos, mas devemos reconhecer as vitórias. Atualmente, o Sistema Único de Saúde brasileiro (SUS) oferece de forma gratuita e universal não só métodos preventivos tais quais preservativos e a PReP e a PeP, mas também o tratamento de saúde completo para portadores de HIV/AIDS.

## **Parte II – O agora**

A comunidade LGBTQIA+ tem uma sociabilidade bastante específica. Como saímos do espectro da família tradicional – nuclear, patriarcal, composta por marido, esposa

e filhos –, frequentemente sofremos opressão em nosso ambiente doméstico de origem (PERUCCHI et al, 2014). Assim, para nós, LGBTQIA+, as relações sociais externas ao núcleo familiar são essenciais na construção identitária: vemos em nossa comunidade uma segunda família, escolhida e acolhedora de nossas vivências.

O COVID-19, doença respiratória que pode levar ao óbito, gerou a necessidade de distanciamento social para achatar a curva de contágio. O confinamento aos limites do próprio lar, para muitos LGBTQIA+ que ainda vivem com suas famílias, de certa forma representa uma volta para o armário. Nossa existência nesse contexto é como um “panóptico patriarcal”: somos presos em celas transparentes, vigiados de todas as perspectivas pelos guardiões da moral e dos bons costumes, que fiscalizam nossos atos e assim nos obrigam a esconder quem realmente somos. Por isso, o isolamento causa desordens psicológicas sérias. É verdade que o distanciamento se aplica a todos, mas quem precisa esconder suas individualidades somos nós, LGBTQIA+ (MATTEI et al, 2020).

Impedidos de vivenciar nossa sociabilidade urbana pelo efeito da pandemia, muitos de nós perdem a autonomia de demonstrar gênero e sexualidade às suas maneiras. Controlam-se os afetos, as estéticas, os trejeitos, e precisamos encontrar novas formas para expressar nossas identidades. Nessa conjuntura, fazemo-lo no ambiente virtual. Criamos redes de apoio online entre pessoas LGBTQIA+, já que o ciberespaço que possibilita a comunicação com outras pessoas com vivências mais próximas às nossas sem medo de rechaço (ENCARNACIÓN, 2011). A internet se torna um espaço de escape do controle patriarcal, um “refúgio social” que reproduz o papel antes desempenhado pelos territórios urbanos LGBTQIA+. O virtual abre uma fresta de projeção e afirmação da identidade, permitindo, assim, nossa autopreservação dentro de um contexto por natureza opressor.

### **Parte III – O depois**

O isolamento, como mencionado, impacta a todos. Entretanto, no caso das comunidades LGBTQIA+, apresenta uma característica singular, pois o confinamento não é apenas social, mas identitário. Deste modo, em oposição ao confinamento patriarcal doméstico, o espaço urbano é um “refúgio social” da comunidade LGBTQIA+. Assume uma importância existencial singular, porque representa a possibilidade da expressão identitária-

ria plena dentro de uma comunidade. Esta importância singular do espaço urbano para a pessoas LGBTQIA+ levará, num contexto pós-pandemia, a uma forma de “retomada” vibrante destes espaços, ao contrário do que vivemos com a pandemia do HIV/AIDS.

Esta nova retomada do espaço também se dará em outros âmbitos da cultura urbana, em particular a moda. Notamos que o público jovem buscou formas de criar peças únicas durante a pandemia. O resultado disso é uma moda mais criativa, vibrante, baseada fortemente no faça-você-mesmo e na customização de vestes existentes. As tendências pré-COVID-19 já eram essas, mas a quarentena acelerou o processo (MAGUIRE, 2020).

A crise econômica decorrente do *lockdown* fez com que diversos bares e boates fossem à falência (SAVAGE *et al.*, 2020). Inicialmente, a vida noturna será afetada por isso. Acredito que com o tempo, entretanto, o lazer se reconstruirá nos espaços públicos. Para nós, a volta às ruas vai representar mais do que apenas o fim do distanciamento social. Será uma retomada da vida comunitária para um grupo social que precisa de sua comunidade para viver. Aqui, podemos rir, chorar, brincar, desmunhecar, ser nós mesmos como quisermos. Estar novamente entre pessoas LGBTQIA+ será um verdadeiro grito de liberdade, um reencontro bastante esperado com nossa família escolhida.

Esse não é um momento apenas de lazer, mas também de luta. A volta às ruas é uma oportunidade de organização política. Na busca por direitos, devemos visar a união de minorias sociais, fortalecer pautas comuns e trabalhar de interseccionalmente. O fim da pandemia deve ser um ponto de virada na luta por equidade racial, de gênero, de sexualidade, anticapacitista. É buscando inclusão social que afirmamos nossa cidadania.

## Referências bibliográficas

BOWSTEAD, J. M. **Menswear Revolution**: the transformation of contemporary men's fashion. Londres: Bloomsbury Visual Arts, 2018.

CARTA Para Além dos Muros. Direção de André Canto. 2019. (93 min.), son., color.

ENCARNACIÓN, O. G. Latin America's Gay Rights Revolution. **Journal of Democracy**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 104-118, 2011. Project Muse.

GALVÃO, J. et al. The Brazilian Response to AIDS from the 1980s to 2010 - Civil Society Mobilization and AIDS Policy. **Global Health Governance**, New Jersey, v. 6, n.1, Dez. 2012.

HOOKS, B. **Feminist Theory**: from margin to center. Nova York: Routledge, 2015. 179p.

MAGUIRE, L. **With Gen Z under lockdown, DIY fashion takes off**. 2020. Vogue Business. Disponível em: <<https://www.voguebusiness.com/fashion/with-gen-z-under-lockdown-diy-fashion-takes-off>>. Acesso em: 04 de mai. 2020.

MATTEI, G. *et al.* The COVID-19 recession might increase discriminating attitudes toward LGBT people and mental health problems due to minority stress. **International Journal of Social Psychiatry**, [S.L.], p. 1-2, 26 set. 2020. SAGE Publications.

PERUCCHI, J. et al. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 67-76, 2014.

SAVAGE, R. *et al.* **We'll die'**: **Gay bars worldwide scramble to avert coronavirus collapse**. Disponível em: <<https://reuters.com/article/idUSKBN22P1Z5cle/idUSKBN22P1Z5>>. Acesso em: 25 de out. 2020.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 726 p.